

Acampamento, Agroecologia e Assentamento Rural

Encampment, Agroecology and Rural Settlements

PICCIN, Marcos Botton. UNICAMP, E-mail: marcospiccin@yahoo.com.br

Resumo

Neste artigo tem-se um duplo objetivo: a) analisar a incorporação de conhecimentos sobre a agroecologia pelos agricultores sem-terra a partir da vivência do período de acampamento; e, b) analisar como tais experiências são acionadas por esses indivíduos quando em assentamento rural. Essa análise é realizada mediante o acompanhamento da trajetória social de quatro agricultores-assentados do assentamento Ceres/RS, formado em 1997. As reações às experiências do período de luta pela terra proporcionaram determinados comportamentos que estimularam a participação em cursos de agroecologia durante essa fase de suas vidas. Os conhecimentos e disposições sociais internalizadas na fase do acampamento são acionados em assentamento nos momentos de crise de reprodução social do grupo familiar.

Palavras Chave: Assentamento Ceres, sistemas produtivos, estratégias produtivas.

Abstract

The present paper presents a twofold purpose: a) analyzing the incorporation of knowledge on agroecology by the landless farmers from the experience of the period in the land; and, b) examining how such experiences are triggered by these individuals while they have been in rural settlement. This analysis is performed by monitoring the social history of four settled farmers at the settlement Ceres / RS, formed in 1997. The reactions to the experiences of the period of struggle for land provided certain behaviors that encourage participation in courses on agroecology in that stage of their lives. The knowledge and social provisions internalized during the camp are triggered in the settlements in times of crisis in the social reproduction of the family group.

Keywords: Ceres settlement, productive systems, productive strategies.

Introdução

Os assentamentos rurais têm contribuído positivamente para a transformação socioeconômica das regiões que os recebem. Vários são os estudos que apontam nessa direção, como os realizados por Romeiro et al., (1994); Heredia et al., (2002); Leite et al. (2004); Medeiros e Leite (2004); entre outros estudos nacionais e de casos específicos. No estado do Rio Grande do Sul (RS) os assentamentos têm se destacado, dentre outras coisas, pela dinamização da economia local e pela experimentação de novas estratégias produtivas, destacando-se a agroecologia (BAVARESCO, 1998; CHELOTTI, 2003; BENEDETTI, 2004; entre outros). Neste artigo tem-se um duplo objetivo: a) analisar a incorporação de conhecimentos sobre a agroecologia¹ pelos agricultores sem-terra a partir da vivência da forma acampamento (SIGAUD, 2003); e, b) analisar como tais experiências são acionadas por esses indivíduos quando em assentamento rural, nos seus lotes. A investigação desse processo foi realizada no assentamento Ceres, município de

¹ Essa temática é entendida a partir dos relatos obtidos com os agricultores-assentados. Refere-se aos manejos e técnicas sem o uso de agro-químicos, como caldas, adubos orgânicos e experiências de geração e diversificação produtiva, como cultivos orgânicos e agroindustrialização.

Jóia-RS, criado oficialmente em 1997. O assentamento reuniu um conjunto inicial de 113 famílias organizadas pelo Movimento dos Sem-Terra (MST), assentadas em uma área de 2.210,40 hectares (ha) adquirida pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA). O tamanho dos lotes individuais é em torno de 14 ha.

O assentamento Ceres é localizado na região do Planalto Rio-Grandense. Nessa região, desde a década de 1960 há uma expansão da área de terras cultivadas com a soja. Na safra 1996/1997, ano em que as famílias sem-terra são instaladas no assentamento Ceres, o município de Jóia tinha 47.000 ha plantados com essa atividade, oito anos depois, na safra 2004/2005, foram 75.000 ha (GUBERT e BASSO, 2005). Portanto, o assentamento Ceres é formado em uma região e em um período onde há a expansão da cultura da soja como atividade comercial entre os agricultores do município, exercendo influências diversas na vida do conjunto dos agricultores-assentados.

A pesquisa de campo foi realizada durante os meses de maio a julho de 2006. A metodologia utilizada para a pesquisa valeu-se tanto de técnicas para a geração de dados quantitativos quanto qualitativos. Foram realizados: a) um questionário tipo *survey*, com o qual se estabeleceu informações sobre as configurações produtivas desenvolvidas pelos assentados; b) entrevistas em profundidade de uma amostra de nove grupos familiares, número definido pelos critérios de *espacialidade e saturação* (SÁ, 1998). Procurou-se explorar a trajetória social das famílias (antes, durante e depois do acampamento), assim como os processos de construção de conhecimentos e saberes; c) vivência do cotidiano dos grupos familiares, em especial dos componentes da amostra, gerando um caderno de anotações de campo; e, d) consultas à assessoria técnica e à cooperativa do assentamento. Da amostragem inicial de nove agricultores-assentados (três de cada configuração produtiva estabelecidas pelo pesquisador) quatro haviam participado de cursos relacionados à agroecologia anteriormente ao assentamento; identificação realizada a partir da análise de suas trajetórias sociais. A análise deste artigo se baseia nesses quatro agricultores.

A análise preliminar dos dados revela que as experiências vivenciadas na fase de acampamento são importantes para explicar e entender as estratégias de produção que os agricultores-assentados acionam em assentamento. Nesse sentido, torna-se fundamental investigar quais os motivos que os levaram a participar dos cursos agroecológicos ainda em acampamento? Quais os significados atribuídos à participação em tais cursos? Em quais circunstâncias as experiências agroecológicas são acionadas como estratégias produtivas? Como a temática da agroecologia foi incorporada em suas estratégias produtivas? Qual é o sentido dado às atividades por eles identificadas como agroecológicas? Neste artigo, as respostas a essas questões não serão esgotadas, devido ao pequeno tamanho do artigo, mas serão realizadas indicações.

O Acampamento e as (Res)Significações Culturais

O acampamento possibilitou várias experiências de vida anteriormente estranhas aos agricultores. Os sem-terra tendem a interagir com as novas experiências identificando primeiramente a fragilidade material de sua posição na sociedade e as causas sociais de tal situação. As falas dos agricultores entrevistados perpassam a construção de uma identidade coletiva entre “pobres e oprimidos” devido às situações semelhantes de precariedade material, opondo-se a quem identificam como os causadores de tais privações. Essa sensibilidade à descoberta da fragilidade de sua posição social, dos adversários a serem enfrentados, assim como da unidade da categoria de sem-terra, constitui o ponto crucial que abre uma disponibilidade para a ação política e que os leva a assumir posições de dirigentes no acampamento, participação em “frente de massas”², cursos de formação política e de

² Comissões de acampados ou dirigentes liberados pelo MST para realizar visitas às parcelas mais

agroecologia.

Os agricultores-assentados aqui considerados são provenientes de dois acampamentos que perduraram em torno de dois anos. Foi nesse período do acampamento que ocorreu a participação em cursos de agroecologia.³ Essa participação, segundo os relatos dos entrevistados, ocorreu por dois motivos: a) à necessidade de realizar o “debate sobre a produção no acampamento”, uma vez que essa tarefa fazia parte das atribuições dos dirigentes do acampamento (os entrevistados ocuparam essa posição durante esse período) e dos dirigentes estaduais do MST; e, b) às motivações estimuladas por visitas realizadas em assentamentos e cooperativas que estavam desenvolvendo a produção coletivizada e/ou agroecológica.⁴ Os cursos de agroecologia foram realizados no município de Caçador (SC) e no município de Braga (RS) na FUNDEP.⁵ A análise das entrevistas aponta para a compreensão de que os significados atribuídos à participação nos cursos de agroecologia estavam relacionados com dois fatores principais: a) a certo prestígio social proporcionado pelas tarefas de coordenar e dirigir atividades no acampamento; e, b) à ampliação das possibilidades de reprodução econômica nos lotes, com a afirmação de seus projetos de futuro e geração de novas carências e desejos.

Os conhecimentos adquiridos relacionam-se com práticas de agroindustrialização, controle de pragas e “plantas invasoras” a partir de métodos sem o uso de agro-químicos, produção comercial de produtos orgânicos e venda desses em pequenos circuitos de comércio. Esses conhecimentos tendem a ser incorporados, conformando referências produtivas comerciais para além daquelas adquiridas nos processos de socialização inicial, quando ainda estavam nas casas de seus pais, relacionados com o cultivo de cereais (soja, milho e feijão, principalmente). Contudo, pode-se sugerir que, se estes cursos valorizam dimensões dos conhecimentos adquiridos pela tradição, contrapondo-se à desvalorização realizada pela modernização da agricultura, o fazem num patamar de reinseri-los como alternativas possíveis para a acumulação de capital econômico.

Análise Parcial das Reações em Assentamento - à Guisa de Conclusão

As diferentes situações objetivas e subjetivas vividas como limitações materiais e simbólicas pelos quatro agricultores-assentados, a partir das circunstâncias do assentamento Ceres, acionaram estruturas predispostas internalizadas nos processos de socialização, relativo às experiências e conhecimentos adquiridos nos cursos quando no período de acampamento. Em assentamento, as avaliações subjetivas de não atendimento de suas carências tendem a orientar padrões do que pode e deve ser desejado e alcançado, fornecendo o substrato interativo para a atualização de experiências e saberes incorporados como estruturas, que funcionam estruturando as práticas sociais no assentamento.

empobrecidas da população e convidá-las para fazer parte da luta pela terra em acampamentos.

³ A permanência nos cursos de agroecologia, para alguns, foi de dois meses, intercalado com período de vivência, seguidos de outros dois meses de curso, para outros o curso teria durado em torno de 1 ano e 8 meses, sendo intercalado por dois meses de aula e dois meses de vivência em assentamentos ou acampamento.

⁴ Dentre os assentamentos e cooperativas citadas nas entrevistas destacam-se: o assentamento Nova Santa Rita, localizado na região metropolitana de Porto Alegre, e cooperativas ligadas ao MST da regional Sarandi, COOPTAR e COANOL.

⁵ Os cursos foram ministrados por assessores do MST ou pela Fundação de Desenvolvimento, Educação e Pesquisa da Região Ceileiro (FUNDEP) no período anterior ao assentamento.

O conjunto de características adquirido ao longo dos processos de socialização conforma as diferenças com os demais agricultores-assentados do assentamento Ceres, que em momentos de crise de reprodução social reagem de forma diferente, de modo geral: assalariando-se, permanecendo com o sistema produtivo baseado na **soja** ou **soja-leite**. Já, os agricultores que realizaram cursos de agroecologia quando em período do acampamento, nos momentos em que identificam como baixa a receita adquirida com a soja e/ou atividade leiteira, passam acionar os conhecimentos agroecológicos e desenvolver processos de **diversificação** da produção.

É possível identificar algumas situações transversais aos agricultores analisados para o acionamento dos conhecimentos sobre a agroecologia, como no momento de constituição da família, em que a receita adquirida com a soja passa a ser identificada como “pequena” ou nos momentos de diminuição do preço comercial dessa leguminosa. A agroecologia ou a diversificação produtiva podem ser acionadas pelos assentados com vistas a obter maior renda econômica e a desenvolver uma agricultura mais sustentável. Porém, mesmo que os indivíduos ou os grupos familiares tenham intenções de mudar sua forma de produzir, procurando livrar-se da dependência da produção de *commodities*, vários são os condicionamentos que agem em sentido contrário. Por um lado, os casos nos quais se baseou este pequeno artigo revelam as fragilidades materiais que esses agricultores vivem, as diferentes conjunturas socioeconômicas e/ou familiares, a penosidade e a maior exigência de trabalho que as estratégias produtivas agroecológicas demandam. Por outro lado, evidenciam como a imprevisibilidade climática, os compromissos políticos com o “Movimento”, os condicionamentos da ambiência regional, dos mercados e das políticas agrícolas afetam decisivamente as estratégias produtivas dos agricultores-assentados. Questões não suficientemente aqui abordadas, mas que compõe o campo analisado.

Referências

- BAVARESCO, P. *Assentamentos Annoni fase IV [RS]: uma análise de seu desempenho sócio-econômico*. 1998. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Agricultura e Sociedade) - CPDA/UFRRJ, Rio de Janeiro. 1998.
- BENEDETTI, A.C. Os Impactos dos Assentamentos Rurais no Rio Grande do Sul. In: MEDEIROS, L.S.; LEITE, S. P. (Org.). *Assentamentos Rurais: mudança social e dinâmica regional*. Rio de Janeiro: MAUAD, 2004, p. 53-96.
- CHELOTTI, Marcelo. *A instalação de assentamentos rurais e a inserção de novos agentes no espaço agrário do município de Sant'Ana do Livramento - RS*. 2003. 215 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente. 2003.
- GUBERT, J.E.; BASSO, D. *Fortalecimento de Agricultores Familiares no Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul: análise diagnóstico de sistemas agrários - Jóia e Eugênio de Castro*. Ijuí: FIDENE/DEAg/UNIJUÍ, 2005.
- HEREDIA, B. et al. Análise dos Impactos Regionais da Reforma Agrária no Brasil. *Estudos Sociedade e Agricultura*, Rio de Janeiro, n. 18, p. 77-111, 2002.
- LEITE, Sergio Pereira et al. *Impacto dos Assentamentos: um estudo sobre o meio rural brasileiro*. Brasília: IICA: NEAD; São Paulo: Unesp, 2004.
- MEDEIROS, L. S.; LEITE, S. P. (Org.). *Assentamentos Rurais: mudança social e dinâmica regional*. Rio de Janeiro: MAUAD, 2004.
- ROMEIRO, A. et al. (Org.) *Reforma Agrária: produção, emprego e renda – o relatório da FAO em debate*. Rio de Janeiro: Vozes, IBASE/FAO, 1994.

Resumos do VI CBA e II CLAA

SÁ, C.P. *A Construção do Objeto de Pesquisa em Representações Sociais*. Rio de Janeiro: UERJ, 1998.

SIGAUD, L. As Condições de Possibilidade das Ocupações de Terra. *Tempo Social*, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 225-280, 2003.